Fausto

(Segunda Parte)

de Johann Wolfgang von Goethe

(1749 – 1832)

Resumo da Narrativa

Na primeira parte da obra, Fausto viajou pelo "pequeno mundo" da vida privada e do amor. Na segunda parte, ele penetra no "grande mundo" da civilização e da cultura. Embora os cinco atos do drama tenham sido escritos com grande distância entre si, durante os quase trinta anos que separam as duas partes, e sejam independentes, é possível identificar alguma unidade entre eles: os atos I a III tratam da fusão entre o classicismo e o romantismo, entre a cultura grega e germânica do tempo de Goethe, simbolizadas respectivamente por Helena e Fausto. Os atos IV e V tratam do empreendimento econômico e da conquista da natureza. É, portanto, muito diferente da primeira esta segunda parte do "Fausto"; mais complexa, misturando debates científicos da época com referências mitológicas de simbologia muitas vezes obscura, o que criou o consenso de que se trata de uma obra difícil. É preciso considerar, no entanto, que entre 1773, quando começa a escrever o "Fausto Zero", e 1831, quando termina o "Segundo Fausto", às vésperas da morte, passaram-se quase sessenta anos e é natural que uma obra com esta dimensão reflita as modificações e amadurecimentos de Goethe. Em última análise, é a vida do escritor de Frankfurt que garante a unidade da obra que, segundo alguns, equivale a uma "Divina Comédia" do homem moderno.

Walpurgis Nacht

Na primeira parte, Fausto, um velho professor erudito e desiludido com a vida intelectual, faz um pacto com Mefistófeles, que lhe apresentaria os prazeres do mundo (*"é preciso viver, viver realmente"*) contra a possessão de sua alma, mas o diabo só ganharia o direito a ela se Fausto dissesse, empanturrado de prazeres mundanos, *"pára... és tão formoso"*, ou seja, como ensina Otto Maria Carpeaux, somente quando a angústia "fáustica" (*faustischer Drang*) tivesse desaparecido. Como Fausto acha isso impossível, concorda.

A história se passa no século XVI, conforme a lenda.

Na abertura da segunda parte, Fausto está sozinho, deitado numa *"região amena"*. Espíritos benéficos, entre eles Ariel[1], aplicam bálsamos à alma ferida de Fausto, incentivando-o a reagir ao desespero, levantar-se e empreender ações corajosas (*"Da alma extraí-lhe o dardo da amargura"*). Fausto enfim se levanta, cheio de alegria (*"Pulsa da vida o ritmo palpitante"*) e imbuído da decisão de *"aspirar à máxima existência"*. Agora ele reconhece seus limites, o que fica claro quando desloca a vista da forte flama do sol (*"eu me desvio, ah não o agüenta, já deslumbrada, a dolorosa vista"*) para a cachoeira que ruge sob o arco-íris que se forma de sua densa névoa.

> *"Que fique atrás de mim, o sol, portanto!*
> *A catarata que entre pedras ruma,*
> *Contemplo agora com crescente encanto.*
> *Da queda em queda se despenha e escuma.*
>
> (...)
>
> *Medita, e há de perceber-lhe o teor:*
> *Temos, no espelho colorido, a vida."* (págs. 45 e 47)

A cena muda para uma reunião do Conselho do Estado com o Imperador[2], cujo reino passa por grandes dificuldades: corrupção, venalidade e arbítrio geram caos, desordens e motins.

> *"Um rapta o gado, outro a donzela,*
> *Outro no altar cruz, taça e vela,*
> *E disso anos a fio se jacta,*
> *O corpo ileso, a pele intacta.*
> *Por justiça o queixoso clama;*
> *Na sala o juiz trona imponente,*
> *Enquanto em vaga troante brama*
> *Do motim o clangor crescente.*
> *Dos bens do crime há quem se louve,*
> *Visto que em cúmplices se esteia;*
> *Mas: condenado! Aterrado ouve*
> *Quem na inocência se baseia.*
> *Assim tudo se desintegra:*
> *Se da honra e lei some o preceito,*
> *Como há de estar o senso em regra*
> *Que nos conduz ao que é direito?"* (pág. 59)

Mefistófeles, por meio de um estratagema, toma o lugar do bobo e é admitido na corte. Como solução para a crise, propõe, com apoio do astrólogo oficial, emitir papel-moeda com lastro em ouro "escondido", com a condição de que a mineração fosse feita por *"um homem doutíssimo"*, estratagema para introduzir Fausto na corte. Esta conversa de Mefistófeles, misturando "Natureza" e "Espírito" seduz o Imperador que é acusado de heresia pelo Chanceler, o arcebispo de Mogúncia, mas o diabo é convincente e promete dinheiro.

na Alemanha é o 1º ministro
no Brasil é de relações exteriores

é a Natureza panteísta de Spinoza

> *"MEFISTÓFELES*

Arrumo-o, mais do que quereis até;
Porém difícil ainda o fácil é.

---

1. Nota do resumidor – Ariel é o gênio invocado por Próspero na peça "A Tempestade" de Shakespeare.
2. Nota do resumidor – Por coerência cronológica, trata-se provavelmente da corte do imperador Maximiliano, que governou o Sacro Império Romano entre 1493 e 1519.

O ouro lá jaz: como se há de extraí-lo?
E de que forma começar-se aquilo?
Quando inundavam desumanas hordas
Povo e país dentro de suas bordas,
Quanta gente houve que, no horror da maré brava,
Cá e lá seus tesouros enterrava.
Foi sempre assim, desde a era dos Romanos,
De ontem e de hoje história dos humanos.
Tudo isso, silencioso, o solo encerra.
O imperador que o pegue, é dele a terra." (págs. 71 e 73)

Em seguida, como sempre naquela corte, há uma alegre *"mascarada"* de carnaval, a qual Fausto vai fantasiado de Plutão *(ou Hades, irmão de Zeus e é chamado Plutão para não chocar ou não dar azar)*, o rei da Riqueza, e Mefistófeles vai de Avareza. A dupla chega numa carruagem dirigida por um mancebo-guia que simboliza a Poesia. O mancebo-guia, para provar os poderes de Fausto, distribui ao povo *"pérolas para a orelha e o colo, espelhos de ouro, diademas, ricos anéis, preciosas gemas"* que, assim que são tocadas, *"desfazem-se em pó os tesouros, formigam-lhe na mão os besouros."* São riquezas ilusórias:

"Em vez de dádivas concretas,
Colhem supérfluas borboletas.
Reduz-se da promessa o realço
A doar o que reluz em falso." (pág. 147)

O Imperador chega mais tarde fantasiado de "Grande Pã" e sua barba pega fogo quando se aproxima demais da arca do tesouro mágico de Fausto, que demonstra os seus poderes apagando as chamas. O Imperador fica tão impressionado com a mágica que manda emitir e distribuir ao povo o tal papel-moeda[3], conforme a sugestão de Mefistófeles, com lastro no ouro ainda por minerar.

"CHANCELER
Saiba o país para os devidos fins:
Este bilhete vale mil florins.
Garante a sua soma real o vulto
Do tesouro imperial no solo oculto.
Dele se extrai logo a riqueza imensa
Com que o valor do papel se compensa." (pág. 195)

A população aceita a medida numa explosão de contentamento: *"A cidade, antes triste, meio defunta, ri, vive; o povo eufórico se junta."*

A tarefa seguinte confiada a Fausto pelo Imperador, conforme o espírito da Renascença, é invocar Páris e Helena, *"máximos modelos"* de homem e mulher e que deveriam estar no Hades. A estas paragens Mefistófeles não pode ir, porque é um diabo do Cristianismo e não tem acesso ao inferno pagão. Para fazê-lo sozinho, Fausto tem de descer até "as Mães"[4], a fonte primeva de todas as coisas, ao vazio além da existência do qual emergem continuamente a formação, a transformação e a recriação. Fausto se arrepia à menção das Mães, mas prossegue na missão, enquanto Mefistófeles comenta: *"Curioso*

estou por saber se regressa." Fausto, no entanto, retorna apenas com as imagens de Páris e Helena que ele apresenta num espetáculo de lanterna mágica a uma audiência fútil e crítica, que não consegue apreciar o antigo ideal arquetípico. Fausto, que quer Helena para si próprio, tenta abraçá-la e provoca uma explosão que dissipa as imagens e o põe a nocaute.

---

3. Nota do resumidor – Este papel-moeda, inventado por Mefisto, é uma referência aos *assignats* emitidos pela Assembléia Nacional e pelo Diretório na Revolução Francesa, com graves conseqüências inflacionárias.
4. Nota do resumidor – "As Mães" é uma misteriosa metáfora criada por Goethe, possivelmente em torno dos deuses pré-olímpicos, que simboliza a viagem ao abismo das origens, ao seio maternal.

"FAUSTO
Liberto-a eu! E é minha duplamente
Seja! – outorgai-ma, ó Mães! Tendes de concedê-la!
Quem a encontrou, não pode mais perdê-la!

ASTRÓLOGO
Que fazes, Fausto! Fausto! – Num tumulto
Ele a arrebata! Já se nubla o vulto.
A chave vira para o jovem. Vai
Tocá-lo! – Ai dele! Ai de nós! Num ai!

(Explosão, Fausto jaz no solo. Os espíritos esvaem-se em vapor)" (pág. 275)

No ato II, continua a demanda de Fausto pelo espírito clássico, com uma cena no seu antigo gabinete, um *"quarto gótico, acanhado, de abóbodas altas"*, que foi mantido inalterado por Wagner, seu ex-flâmulo, como confirma Mefisto: *"Até a pena ainda vejo ao lado, com que Fausto ao demônio se vendeu.* Nesta cena, Fausto ainda está entre inconsciente e sonolento por causa da explosão:

"MEFISTÓFELES (saindo de trás do reposteiro, enquanto ele o suspende e o afasta, percebe-se Fausto estendido numa cama antiquada)
Prostrado estás, mísero, enfeitiçado,
Num nó de amor que não se solve!
Quem por Helena foi paralisado,
Tão cedo já à razão não volve." (pág. 285)

é Fausto

A dupla é recebida por um coro de insetos: *"Bem-vindo! Bem-vindo, velho amo de antanho!"* Mefistófeles veste a pelica antiga de mestre e relembra quando fez-se passar por reitor.

"MEFISTÓFELES
Vem, uma vez ainda meus ombros cobre!
Eis-me de novo Reitor Nobre.
Mas que uso há em que assim me chame,
Se não há quem aqui me aclame?" (pág. 291)

Aparece Nicodemo, o acaipirado candidato a estudante que Mefistófeles ironicamente havia aconselhado na primeira parte e que é agora um orgulhoso bacharel (*baccalaureus)* que despreza a sabedoria das eras e pensa que todo o conhecimento nasceu com ele. Depois de um discurso "hegeliano" e pretensioso do rapaz, o diabo ironiza:

"MEFISTÓFELES
Nada aqui tem que acrescentar o diabo.

BACCALAUREUS
Diabo algum pode haver, caso eu não queira.

MEFISTÓFELES (à parte)

Passa-te, ainda assim, o diabo uma rasteira.

BACCALAUREUS
Da juventude, esse é o teor mais fecundo!
Antes de eu criá-lo, não havia o mundo;
Fui eu quem trouxe o sol que do mar brota;
Comigo a lua iniciou sua rota;
Em meu caminho abrilhantou-se o dia,
A terra ao meu encontro florescia.
Na noite primordial, ao meu aceno,
Dos astros desfraldou-se o brilho ameno.
Quem, senão eu, vos livrou das barreiras,
Da compreensão de idéias corriqueiras?
Livre, eu, tal como o espírito mo induz,
Sigo ditoso a minha íntima luz.
E, rápido, meu êxtase me leva,
Diante de mim a luz, detrás a treva." (pág. 311)

Mefistófeles explica à audiência (e aos leitores) que o pretensioso acadêmico irá amadurecer e tornar-se sábio com a idade (*"Ainda que o mosto abra de forma absurda, no fim acaba dando um bom vinho."*). Também reencontramos o ex-flâmulo Wagner, agora um famoso acadêmico e alquimista envolvido na criação de um homúnculo (homem pequeno), um homem artificial. Numa cena divertida, Wagner defende, contra a opinião de Mefistófeles, esta nova e racional maneira de produzir pessoas, em comparação ao velho método de tentativa e erro (*"Livre-nos Deus! A procriação, como era antes, hoje qual vão folguedo valha"*). Finalmente, o homúnculo, meio fora da redoma, cumprimenta Wagner e pede para ser posto a trabalhar imediatamente.

"HOMÚNCULO (na redoma, a Wagner)
Não foi gracejo, então! Como é, Paizinho?
Aperta-me ao teu peito com carinho!
Mas não demais, que o vidro não rebente.
Das coisas todas é o próprio inerente:
É a natureza ainda o infinito escasso,
O artificial requer restrito espaço.

(à Mefistófeles)

Aqui te encontras! Ai, Senhor meu primo,
Na hora certa! Ver-te estimo.
Conduz-te a sorte a este objetivo;
Já que sou, devo ser ativo.
De ir tão logo ao trabalho não me furto;
Dize-me tu, como o caminho encurto." (pág. 325 e 327)

Como todo o homúnculo, segundo Paracelso, este também pode penetrar nos sonhos dos homens e este "lê" Fausto pensando na mais bela mulher, *"de raça heróica ou até divina".* Para encontrar Helena, o homúnculo sugere irem a uma noite de Valpúrgis clássica, debochando do mundo romântico, nórdico e gótico: *"montão de pedras, sujo, embolorado, ogivas, espirais, tudo acanhado."*

"HOMÚNCULO
Ocorre-me neste momento
Que de Valpúrgis, ora, está em curso
A noite clássica; é o melhor recurso,
Levá-lo-á ao seu elemento." (pág. 333)

Enquanto partem, Mefistófeles, Fausto e o homúnculo, o diabo comenta com o público: *"No fim tão sempre dependemos das criaturas que criamos."* Segue-se a cena da noite de Valpúrgis[5] clássica, repleta de personagens mitológicas confraternizando na Tessália. Fausto sobe e desce o belo rio Peneu procurando Helena entre esfinges, sereias, ninfas e outras criaturas antigas: *"Que é dela?"* são suas primeiras palavras ao tocar o solo da

velha Grécia. Quíron, o culto centauro que havia educado muitos heróis gregos, e que uma vez havia carregado Helena nas suas costas, adverte Fausto de que sua mulher ideal é um mito poético, mas ele insiste: *"Se não puder obter, já não vivo".* Quíron carrega Fausto até Manto, a filha de Esculápio[6] e símbolo do poder da cura, para livrá-lo daquela loucura. Fausto protesta:

> *"Sarar não quero! O espírito me abrasa*
> *Como outros baixaria à terra rasa."* (pág. 409)

A próxima cena dramatiza a convicção à paixão de Fausto por Helena, diz: *"Este é a quem amo, quem almeja o impossível... Temerário entra! Imbuir-te-ás de alegria. Leva a Perséfone a atra galeria".* Manto conduz Fausto para o Hades, onde ele encontraria Helena.

---

5. Nota do resumidor – Na primeira parte, Mefistófeles leva Fausto a uma noite de Valpúrgis nórdica que tem base na mitologia. A noite de Valpúrgis clássica é invenção goethiana que a coloca na mesma data da batalha de Farsália em 48 aC, na qual César derrotou Pompeu, estabelecendo o Império que Augusto deveria comandar e que transmitiria a cultura clássica para o ocidente.
6. Nota do resumidor – A tradição indica Manto como filha do adivinho Tirésias. Goethe aqui adiciona sua própria versão.

A próxima cena dramatiza a convicção de Goethe de que a criação ocorre gradualmente e pacificamente, não subitamente e violentamente, utilizando como pretexto o debate sobre as mudanças geológicas. Mudanças súbitas são personificadas por Seísmo, que cria a grande montanha Blocksberg por meio de um terremoto e assim expõe valiosos metais sobre os quais avançam, libertados pelo cataclisma, as formigas, grifos, pigmeus, isto é, as populações pequenas e insignificantes. Tales de Mileto e Anaxágoras, antigos filósofos gregos, debatem a metodologia da criação. Tales defende a idéia de que foi criada pelo fogo (por meio de erupções vulcânicas). O homúnculo, que está lutando para completar sua existência corporal, fica do lado de Tales. Cai um meteoro e destrói a montanha e os pequenos seres criados pela violência de Seísmo. Tales leva o homúnculo para o mar Egeu.

Na cena seguinte, nas *"baías rochosas do mar Egeu",* o deus marinho Proteu transforma-se em golfinho e leva o homúnculo para o mar, para completar seu corpo e iniciar sua vida, como as formas primitivas de vida teriam feito. Quando o homúnculo vê a ninfa Galatéia aproximando-se na sua carruagem marinha, apaixonado, atira-se contra ela para tornar-se *"flâmeo milagre"* da nova vida nascendo na água e desaparece (*"No trono fulgente se destroçará; chameja, se ignita, derrama-se já"*). As sereias proclamam o amor como força criadora: *"Reine Eros, portanto, que tudo iniciou!"* O ato II e a noite de Valpúrgis clássica terminam com um hino das sereias aos quatro elementos:

> *"Salve o oceano! Salve a chama*
> *Que nas ondas se esparrama!*
> *Salve o fogo! A água preclara!*
> *Salve a aventura rara!*
>
> *Salve o brando vento etéreo!*
> *Salve a gruta e seu mistério!*
> *Glória aos quatro e seus portentos,*
> *Consagrados elementos!"* (pág. 543)

Durante a noite de Valpúrgis clássica, Mefistófeles assume a forma de Fórquias (já nasceu velha), uma medonha figura da mitologia grega, para contrastar a beleza perfeita de Helena com a fealdade modelar. (*"Quão feio assoma, junto ao Belo, a Fealdade".*)

No terceiro ato[7], a procura de Fausto por Helena chega ao fim. Na verdade, a noite de Valpúrgis clássica era uma preparação para a união de Fausto com Helena.

No início do ato, acompanhada por um coro de prisioneiras troianas, Helena aparece na frente do palácio de seu marido, o rei Menelau. Aparentemente, Fausto, com a ajuda de Manto, conseguiu libertá-la do Hades e ela encena seu retorno de Tróia. A pedido de Menelau, ela teria vindo antes para preparar um sacrifício. Mefistófeles, sob a horrível aparência de Fórquias, informa a bela mulher de que ela e as prisioneiras troianas seriam as próprias vítimas do sacrifício de Menelau.

> *"FÓRQUIAS (MEFISTÓFELES)*
> *Tudo em casa se acha pronto, trípede, urnas, faca afiada,*
> *Para o incensamento, o asperges; falta só indicar a vítima.*
>
> *HELENA*
> *Não me disse o rei qual era.*
>
> *FÓRQUIAS (MEFISTÓFELES)*
> *Não to disse? Oh! Não funesto!*
>
> *HELENA*
> *De que horror te sentes presa?*
>
> *FÓRQUIAS (MEFISTÓFELES)*
> *Tu, Rainha, és a indicada!"* (pág. 597)

---

7. Nota do resumidor – O ato III está estruturado e formatado como uma tragédia grega, abrindo com um "Prólogo de Helena" e usando um coro para conduzir a ação. Este ato foi publicado separadamente em 1827 como "A Tragédia de Helena".

No entanto, um bárbaro do norte, *"vivo, resoluto, bem formado, sensato como é raro havê-los entre os gregos",* viria salvá-la. Durante o diálogo com Helena, Mefistófeles faz comentários cínicos sobre a falta de modéstia de beleza.

> *"FÓRQUIAS (MEFISTÓFELES)*
> *É velho o dito, mas seu sentido elevado*
> *Ainda se impõe. Nunca a Modéstia e a Formosura*
> *De mãos dadas da terra o verde atalho trilham.*
> *Vive ódio antigo, fundamente enraizado,*
> *No íntimo de ambas, e onde quer que elas se encontrem,*
> *Tão logo uma à outra vira as costas e prossegue*
> *Mais veemente e arrebatada o seu caminho."* (págs. 575 e 577)

Na próxima cena, Helena e o coro aparecem no pátio interior de uma fortaleza medieval[8], em algum lugar da Arcádia, ao norte de Esparta, pedindo proteção contra o marido ciumento. Fausto é um cavaleiro germânico gótico que procura e finalmente recebe a beleza ideal clássica, após vencer com seu exércitos compostos por germanos, godos, francos, saxões e normandos os exércitos de Menelau.

> *"HELENA*
> *Tão longe sinto-me e tão junto a ti,*
> *E digo arrebatada: Eis-me! Eis-me aqui!*
>
> *FAUSTO*
> *Treme-me a voz, mal posso respirar;*
> *É um sonho, somem-se tempo e lugar.*
>
> *HELENA*
> *Tão desgastada sinto-me e tão nova,*
> *Unida a ti, o estranho, a toda prova.*
>
> *FAUSTO*
> *Não negues um destino único e inebriante!*
> *Ser é dever, e fosse um só instante."* (págs. 657 e 659)

Desta união entre o clássico grego e o gótico medieval nasce Eufórion, a personificação da poesia, da resposta imaginativa do mundo.

Eufórion é um rapaz impulsivo, selvagem e rebelde, mas com bons e nobres propósitos. No entanto, sua falta de moderação faz com que ele não consiga concretamente nada e o conduz à morte:

> *"EUFÓRION*
> *Devo ir-me, além! É lá!*
> *Deixai-me voar!*
>
> *(Arremessa-se nos ares, as vestes sustentam-no por um instante,*
> *Um fulgor envolve sua cabeça e segue-o um raio de luz)*
>
> *CORO*
> *Ícaro, Ícaro, ah!*
> *Mortal pesar!"* (pág. 723)

Ao perceber o filho morto, Helena conclui:

> *"Confirma-se um fatal e velho dito em mim:*
> *Da boa fortuna e da beleza a aliança é efêmera.*
> *Desfez-se o frágil nó do amor como o da vida;*
> *Pranteando ambos, de ti magoada me despeço,*
> *E pela última vez me lanço nos teus braços.*
> *Perséfone, a ambos nós, meu filho e a mim, acolhe!"* (pág. 729)

---

8. Nota do resumidor – Esta fortaleza medieval na Grécia de fato existe, tendo sido construída em 1249 por ocasião da quarta cruzada.

Eufórion[9] deixa para trás sua lira; Helena seu manto e véu. O coro funde-se à natureza para *"piar como morcegos, sussurros, espectrais, insípidos".* No final da cena e do ato, Mefistófeles reaparece com sua aparência normal para resumir[10] a viagem de Fausto à Grécia.

Após a procura do ideal de beleza na sua forma clássica, assunto dominante nos atos II e III, Fausto retorna a seu próprio tempo e lugar, a corte do Imperador de onde saíra após o frustrado espetáculo da lanterna mágica. A procura de Helena enobreceu o desenvolvimento de Fausto, mas ele se dá conta de que deve dirigir suas energias, vontade, e visão para atividades produtivas no mundo real. Estas atividades são o tema dos atos IV e V, que concluem o poema dramático.

Na abertura do quarto ato, Fausto está no topo de um *"monte muito alto"*, cercado por nuvens. Su amor juvenil por Gretchen reaparece rapidamente: *"É uma visão de encanto que me ilude? Do fugidio bem da juventude a imagem?"* Enquanto reflete, Mefistófeles aparece vestindo botas de sete-léguas e pergunta-lhe que mais ele quer:

> *"Nada te aprouve em nossa superfície?*
> *Viste de etéreas, infinitas trilhas*
> *Os reinos do Universo e suas maravilhas*[11]
> *Mas insaciável como és, nada atiça*
> *Um teu desejo, uma cobiça?"* (pág. 761)

Fausto diz que deseja *"um grande intento"* e pede ao diabo que adivinhe. Mefistófeles arrisca feitos de sensualidade e fama, mas Fausto decreta: *"Nada é a fama; a ação é tudo."* A vista do oceano constantemente batendo nas praias havia inspirado nele o desejo de dominar a natureza:

> *"Criei plano após plano então na mente,*
> *Por conquistar o gozo soberano*
> *De dominar, eu, o orgulhoso oceano,*

De ao lençol áqüeo impor nova barreira,
E ao longe, em si, repelir-lhe a fronteira.
Consegui passo a passo elaborá-lo.
Eis meu desejo, ousa tu apoiá-lo?" (pág. 775)

Mefistófeles concorda, mas antes de poder executar seu projeto, Fausto terá de ajudar o Imperador a vencer a guerra civil contra um "Anti-Imperador" que aproveita o caos gerado por incontrolável inflação, resultado do plano mefistotelico de emitir papel moeda sem lastro (ato I). O Imperador se queixa:

"IMPERADOR
Falsos parentes! Sobem rumo aos cimos;
Irmãos diziam-se, eram tios, primos.
Crescia o seu orgulho e desrespeito,
Roubando a força ao cetro, ao trono e preito.
Em desunião o reino devastaram,
E unidos, contra mim se rebelaram.
A multidão vacila na incerteza,
Depois flui aonde a arrasta a correnteza." (pág. 801)

queixa-se da rebelião dos parentes que são golpistas

Mefistófeles propõe ajudar Fausto com seus poderes mágicos para conduzir as forças do Imperador à vitória e pleitear um feudo costeiro como recompensa: *"Conserva-lhe hoje o território e o trono, e auferirás do Imperador, de joelhos, da praia o feudo em rico abono."*

---

9. Nota do resumidor – Segundo correspondência do autor, Eufórion seria uma representação da poesia e uma homenagem a Lord Byron, que havia morrido três anos antes, lutando pela independência da Grécia.
10. Nota do resumidor – Este prometido resumo nunca foi escrito por Goethe.
11. Nota do resumidor – Paráfrase à narrativa bíblica da tentação de Cristo, descrita no Evangelho de São Mateus.

Para executar o plano, Mefistófeles convoca os três Valentes Camaradas[12]: Mata-Sete, jovem, armado de leve, trajes coloridos; Pega-Já, viril, bem armado, ricamente trajado e Tem-Quem-Tem, idoso, fortemente armado, trajes sóbrios. O trio deveria ajudar Fausto como Davi havia sido ajudado contra os filisteus. Cada um deles encarna as várias virtudes para ação bem sucedida e representam as três idades do homem. Com a ajuda deles e das artes mágicas de Mefistófeles, que produzem inundações (*"Possante corre o arroio e o riacho alarga..."*) e raios (*"Fogo de estouro, fúlgido, explosivo..."*). Fausto vence a rebelião e garante o Imperador.

O próprio Imperador tenta convencer a si mesmo de que aquela vitória é mais resultado de valor e sorte do que de magia. Numa paródia da antiga pompa da corte do Sacro Império Romano, o Soberano distribui aos seus generais os melhores feudos do reino, reservando para Fausto o pedaço costeiro que ele desejava (*"A terra ainda imersa enquanto mar está"*) e entregando a maior parte do território para a Igreja, como expiação por sua aliança com o demônio.

No início do quinto ato, ficamos sabendo que Fausto foi bem sucedido na conquista do mar e na criação de uma dinâmica e densamente povoada área roubada aos mangues e charnecas, confirmando o poder humano. No entanto, a narração sugere que alguma imoralidade acompanha este poder. Um velho casal, Filémon e Baucis[13] teme que Fausto lhes confisque a casa e as terras. O temor é justificado: vemos Fausto na sua esplendida residência, idoso[14], no auge do poder e realização, mas dominado pelo desejo de possuir as terras e as árvores (*"das tílias quero a possessao")* do velho casal, com as quais ele pretende construir na propriedade uma torre de observação, um

belveder, para poder admirar seu grande trabalho e livrar-se do barulho do sino da capela dos anciãos (*"toca a sineta, e em cólera ardo"*). Mefistófeles, naturalmente, está solidário nesta aversão a sinos (*"A um ouvido nobre repugna o som"*).

Fausto explica suas razões:

> *"Lá quero armar, de braço em braço,*
> *Andaimes sobre o vasto espaço,*
> *A fim de contemplar, ao largo,*
> *Tudo o que aqui fiz, sem embargo,*
> *E com o olhar cobrir, de cima,*
> *Do espírito humano a obra-prima,*
> *Na vasta e sábia ação que os novos*
> *Espaços doou ao bem dos povos."* (págs. 919 e 923)

Fausto convoca Mefistófeles e os três Valentes Camaradas que andavam a praticar pirataria em alto mar para abastecer de riquezas o palácio de Fausto (*"De nossos feitos vis, à larga, o prêmio em nossa rica carga"*). O espírito amoral do grupo é enfatizado por Mefistófeles.

> *"Mar livre o espírito liberta,*
> *Dissipa a hesitação incerta.*
> *Rápido lance, sangue frio,*
> *Um peixe tens, tens um navio,*
> *E se em três rumas mar em fora*
> *O quarto apanhas sem demora;*
> *É para o quinto ruim o efeito;*
> *Tens força, tens, pois, o direito.* quem tem força tem direito
> *Sem Como a gente ao Quê se aferra;*
> *Conhece-se a navegação!*

---

12. Nota do resumidor – Estes valentes são inspirados no livro de Samuel.
13. Nota do resumidor – Filémon e Baucis, na mitologia, são um casal de camponeses pobres que deram hospedagem a Zeus e Hermes disfarçados de viajantes e recusados por todos os outros. Encolerizados, estes deuses enviaram um dilúvio que destruiu todas as casas, menos a do casal hospitaleiro, que foi transformada num templo.
14. Nota do resumidor – Segundo a correspondência de Goethe, Fausto já teria cem anos de idade nesta altura.

> *Comércio, piratagem, guerra,*
> *Trindade inseparável são."* (págs. 913 e 914)

Fausto manda esta equipe pirata remover à força o casal de suas terras e recolocá-lo na *"bela quintazinha"* que havia selecionado para os anciãos. Mefistófeles lembra o público da semelhança entre este fato e o assassinato de Nabot e a apropriação de seus vinhedos pelo rei Acab[15]. Noite profunda. Durante a expulsão, o casal morre de medo (*"não sofreu muito o par vetusto, caiu sem vida, já, com o susto"*) e é queimado quando a casa acidentalmente pega fogo. Fausto fica horrorizado e decreta:

> *"FAUSTO*
> *Não me entendeste? Falei alto!*
> *Quis troca, não quis morte e assalto.*
> *O golpe irrefletido e atroz*
> *Amaldiçôo, a todos vós!"* (pág. 937)

À meia-noite, quatro mulheres[16] cinzentas chegam à casa de Fausto: Penúria, Insolvência, Apreensão e Privação. Entre elas, apenas "Apreensão" pode entrar na casa de um homem rico, logo só ela insinua-se pelo buraco da fechadura, enquanto as outras se distanciam na direção de sua irmã Morte, visível ao longe. Fausto, perturbado por

aquelas presenças sombrias, tenta esconjurar seu medo supersticioso e sua dependência dos poderes mágicos.

> *"Pudesse eu rejeitar toda a feitiçaria,*
> *Desaprender os termos de magia,*
> *Só o homem ver-me, homem só, perante a Criação,*
> *Ser homem valeria a pena, então."*
>
> (...)
>
> *"Era-o eu, antes que as trevas explorasse;*
> *Blasfemo, o mundo e o próprio ser amaldiçoasse."* (pág. 951)

Quando provocado por "Apreensão", que alega estar no seu verdadeiro lugar (*"Estou lá onde devo estar"*), Fausto responde:

> *"fausto*
> *Pelo mundo hei tão só corrido;*
> *A todo anelo me apeguei, frémente,*
> *Largava o que era insuficiente,*
> *Deixava ir o que me escapava.*
> *Só desejado e consumado tenho,*
> *E ansiado mais, e assim, com força e empenho*
> *Transposto a vida; antes grande e potente,*
> *Mas hoje vai já sábia, lentamente.*
> *O círculo terreal conheço a fundo,*
> *À nossa vista cerra-se o outro mundo;*
> *Parvo quem para lá o olhar alteia;*
> *Além das nuvens seus iguais idéia!*
> *Aqui se quede, firme, a olhar à roda;*
> *Ao homem apto, este mundo acomoda.*
> *Por que ir vagueando pela eternidade?*
> *O perceptível arrecade.* concreto, material
> *Percorra, assim, o trânsito terreno;*
> *Em meio a assombrações ande sereno,*
> *No avanço encontre ele êxtase ou tormento,*

---

15. Nota do resumidor – Os comentaristas bíblicos são unânimes em dizer que nenhum rei de Israel deu tanto trabalho a Deus como Acab e sua mulher Jezebel. O fato referido está em I Reis, capitulo XXI.
16. Nota do resumidor – No original: *Mengel, Schuld, Sorge* e *Not*. Pode haver quem prefira traduzir *Schuld* por "Culpa", como Otto Maria Carpeaux, mas a acepção aqui parece mais a de "Dívida". Também a palavra *"Sorge"* parece melhor traduzida por "Angústia".

> *Insatisfeito embora, hoje e a qualquer momento!"* (págs. 955 e 957)

Mas Apreensão insiste em que qualquer um sob o seu poder vê em seu entorno apenas inutilidades, é pessimista, protelador, fútil, indeciso, inadaptado à vida e à beira do inferno. Fausto a desafia: *"Mas teu poder, tão tredo quão tirano, não vou jamais, ó Apreensão, reconhecê-lo."* Antes de sair, ela assopra nos olhos de Fausto e o cega:

> *"APREENSÃO*
> *Prova-o; já que eu, com maldição,*
> *De ti me aparto como vim!*
> *A vida inteira os homens cegos são,*
> *Tu, Fausto, fica-o, pois, no fim!"* (pág. 963)

Fausto, agora cego, está mais decidido de que nunca a levar em frente os seus planos e, quando a cena termina, ele está novamente no comando de seus trabalhadores, enxergando a obra com os olhos da imaginação.

> *"A noite cai mais fundamente fundo,* porque ele está cego

Mas no íntimo me fulge ardente luz;
Corro a pôr termo ao meu labor fecundo;
Só a voz do amo efeito real produz.
De pé, obreiros, vós! o povo todo!
Torne-se um feito o que ideei condenado
Pegai da ferramenta, enxadas, pás!
Completai logo o traçamento audaz.
Esforço ativo, ordem austera, → frase chave
O mais formoso prêmio gera.
A fim de aviar-se a obra mais vasta,
Um gênio para mil mãos basta." (pag. 965)

Na cena seguinte, os lêmures, espíritos que anunciam a morte, estão cavando a sepultura de Fausto que pensa, sem visão e guiado apenas pelo barulho das pás, que eles trabalham na obra. Ele os convoca, imaginando o dia em que *"o apodrecido charco"* será drenado e uma população livre, feliz e produtiva viverá ali como no Paraíso. Mefistófeles aborrecido comenta:

"MEFISTÓFELES (à parte)
Por nós estás zelando em cheio
Com tuas docas, teus açudes;
Netuno, o demo da água, não iludes,
E já lhe aprontas o festim.
À ruína estais mesmo fadados; –
Conosco os elementos conjurados,
E a destruição é sempre o fim." (pág. 975)

Mas Fausto pensa diferentemente e prossegue no seu plano titânico:

"Sim, da razão isto é a suprema luz,
A esse sentido, enfim, me entrego ardente:
À liberdade e à vida só faz jus, → frase chave
Quem tem de conquistá-la diariamente.
E assim, passam em luta e em destemor,
Criança, adulto e ancião, seus com anos de labor.
Quisera eu ver tal povoamento novo,
E em solo livre ver-me em meio a um livre povo.
Sim ao Momento então diria:
Oh! Pára enfim – és tão formoso!
Jamais perecerá, de minha térrea via,
Este vestígio portentoso! –
Na ima presciência desse altíssimo contento,
Vivo ora o máximo, único momento."

(Fausto cai para trás, os Lêmures o amparam
E o estendem no solo)" (pág. 983)

E assim, tendo dito as palavras que eram a cláusula principal de seu contrato com Mefistófeles (*Oh, pára enfim – és tão formoso*), Fausto morre. Mefistófeles expressa desprezo por este mero mortal que respondeu ao chamado do prazer e do poder e que agora acaba na poeira: *"Quem se me opôs com força tão tenaz, venceu o tempo, o ancião na areia jaz."*

"MEFISTÓFELES
De que serve a perpétua obra criada,
Se logo algo a arremessa para o Nada?
Pronto, passou! Onde há nisso um sentido?
Ora! É tal qual nunca houvesse existido,
E como se existisse, embora, ronda em giro.
Pudera! O Vácuo-Eterno àquilo então prefiro." (pág. 987)

Enquanto os lêmures enterram o corpo de Fausto, Mefistófeles convoca os diabos dos infernos para apoiar sua reivindicação da alma do ancião. Mas um coro de anjos,

imbuídos de amor do perdão, desce e frustra os planos do demônio que, distraído fazendo propostas eróticas a uns querubins, não percebe que os anjos levam a alma de Fausto (*"o tesouro"*) embora.

> *"MEFISTÓFELES*
> *Dizei-me, lindos jovens, pois:*
> *Também da geração de Lúcifer proviestes?*
> *Quisera vos beijar, tão sedutores sois,*
> *Julgo que em boa hora aqui viestes.*
> *Tão natural me sinto e grato,*
> *Como se amigos velhos fôsseis e bem-vindos;*
> *Chegais sensuais, mansinhos, como gato,*
> *E cada vez mais lindamente lindos;*
> *Oh vinde perto, oh concedei-me um vosso olhar!"* (pág. 1013)

Mefistófeles fica realmente aborrecido por ter sido enganado por sua própria luxúria:

> *"MEFISTÓFELES*
> *E pra dar queixa agora, aonde, a quem me dirijo?*
> *De quem meu bom direito exijo?*
> *Logrado em tua idade vês-te!*
> *Passas mal, e além disso o mereceste!*
> *Pudera! fiz asneira grossa,*
> *Tanto aparato, e em vão, tudo esbanjado!*
> *Vulgar luxúria, absurdo amor se apossa*
> *Do Satanás empezinhado.*
> *E se essa farsa infantil, tola e oca,*
> *O esperto e prático embrulhou assim,*
> *De fato a parvoíce não é pouca*
> *Que dele se apossou no fim."* (págs. 1019 e 1021)

A cena final do drama descreve a subida de Fausto ao Paraíso carregado pelos anjos. Passam por florestas, desfiladeiros, desertos e encontram anacoretas santos, os três *Paters: Æstaticus*, *Profundus* e *Seraphicus*, que representam os três modos ou estágios de atingir a intimidade com Deus, martírio físico ou mortificação; compreensão da imanência de Deus na natureza e interminável revelação do amor. O espírito de Fausto, carregado pelos anjos, sobe à mais alta atmosfera em companhia dos infantes bem aventurados, as crianças que morreram sem batismo. Esta subida simboliza os diversos estágios de purificação. Os anjos cantam:

> *"O nobre espírito está salvo*
> *Do mundo atro dos demos:*
> *Quem aspirar, lutando, ao alvo*[17]
> *À redenção traremos."* (pág. 1041)

---

17. Nota do resumidor – No original *"Wer immer strebend sich bemüht, Den können wir erlösen".*

O doutor Mariano[18], o santo mestre do culto a Nossa Senhora, aparece na sua *"mais alta, translúcida cela"* para defender a causa de Fausto junto a Virgem que aparece como *Mater Gloriosa*, símbolo do amor. Três mulheres pecadoras[19], Maria Madalena, a mulher Samaritana e Maria do Egito, pedem à Virgem perdão para Gretchen, agora chamada *"Una Pœnitentium"*, que canta sua alegria de perdoar Fausto e sua felicidade como retorno dele: *"O outrora-amado já bem-fadado, voltou, vem vindo."* Os infantes bem-aventurados tomam Fausto por um ser superior: *"Para nós se perdeu cedo o terrestre estar; mas este aprendeu, há de nos ensinar".*

Fausto abandona suas ligações terrenas e assume sua forma celeste. A Virgem diz a Gretchen que suba e puxe Fausto com ela:

"Vem! ata-te a mais alta esfera!
Se te pressente, te acompanhe." (pág. 1061)

A cena e o drama terminam com o coro místico:

"Tudo o que é efêmero é somente
Preexistência;
O Humano – Térreo – Insuficiente
Aqui é essência;
A Transcendente – Indefinível
É o fato aqui
O Feminil – Imperecível[20]
Nos ala a si." (págs. 1061, 1063 e 1065)

"Alles Vergāngliche
Ist nur Gleichnis;
Das Unzulāngliche
Hier wird's Ereignis,
Hier ist's getan;
Das Ewig-Weibliche
Zieht uns hin."

"Tout ce qui est périssable
N'est qu'un symbole;
L'Inacessible
Ici deviant un fait;
L'Indescriptible,
Ici est réálisé;
L'éternel féminin
Nous attire vers En-haut."

"All earth comprises
Is sumbol alone;
What there ne'er suffices
As fact here is known;
All past the humanly
Wrought here in Love;
The Eternal-Womanly
Draw us above."

---

18. Nota do resumidor – Nao se trata aqui de algum doutor da Igreja, mas de personagem fictícia, talvez inspirado em São Bernardo de Claraval, aos moldes da "Divina Comédia".
19. Nota do resumidor – Maria Madalena dispensa apresentação; a mulher samaritana, que teria tido seis maridos, é a que recebeu de Jesus Cristo a água *"que mata a sede para sempre"* e Maria do Egito, uma prostituta que a pedido de Nossa Senhora expiou seus pecados durante quarenta e sete anos no deserto.
20. Nota do resumidor – No original com intraduzível beleza: *"Das Ewige Weibliche zieht uns hinan"* que teria ficado melhor como "O Eterno Feminino leva-nos ao alto". Na mesma direção, o tradutor americano George Madison Priest grafou *"The Eternal-Womanly draw us above"* e a tradutora francesa Suzanne Paquelin marcou *"L'éternel féminin nous attire vers Em-Haut".*

Resumo feito por José Monir Nasser. Os trechos transcritos são da edição "Fausto – Uma Tragédia" (Segunda Parte) da editora 34, 2007, São Paulo, tradução de Jenny Klabin Segall. Aula de 17/10/2009.